

## André Lima e suas ilhas de imagens em edição

Yorrana P. Maia de Souza (UNAMA)

**Resumo:** O estilista André Lima em seu processo de criação dialoga o tempo todo nesse ir e vir entre o ateliê e o *Instagram*; entre imagens particulares e compartilhadas. O interesse não é relatar ou reproduzir o processo de criação do André Lima, e sim cartografar atravessamentos entre os registros do criador, seu olhar, seu pensamento criador e, por conseguinte, seus projetos. Cartografia de suas ilhas de imagens em edição.

**Palavras-chave:** André Lima; Cartografia; Imagens particulares e compartilhadas

**Abstract:** The designer Andre Lima, in his creating process, dialogues all the time and back and forth between the studio and the Instagram; between private and shared pictures. The focus of this essay is not just report or reproduce André Lima's creational process; the interest is to map the crossings between the records from the creator and his point of view, his creative thinking and, therefore, his projects. It is mapping his image islands while they are being edited.

**Keywords:** André Lima; Cartography; private and shared pictures.

O tempo da procura hoje é outro, obviamente que o filtro também é outro e chegou até ali, a *web*. Obviamente que o que está no mundo em que a gente vive, de tempo simultâneo apresenta uma conexão com a pesquisa, com o olhar, porque eu trabalho com imagem, eu crio imagem, eu não faço só roupa. (LIMA, 2012)

Para o estilista paraense André Lima, não se cria desejo se não for através de desejo, já que olhar para o mundo e separar aquilo que gosta já é uma edição pessoal que parte do filtro do criador. Para ele o que interessa é juntar coisas, misturar referências, editar e sentir que ali existe um momento, um recorte. Ele conta que nunca achou que poderia fazer uma coleção que tivesse apenas uma referência.

André Lima nasceu em 1971, em Belém do Pará, uma cidade que transita entre o urbano e suas construções arquitetônicas e a força da natureza; o sagrado e o profano ao mesmo tempo; o quase silêncio do rio e o(s) barulho(s) da sua gente, feiras, festas; o mundo do colonizado indígena e do colonizador português e outras nacionalidades que descobriram essa cidade; crendices populares e a ciência. Viveu um casarão aberto, vivo

e dominado por mulheres. O estilista cresceu transitando pelo universo feminino e das roupas e teve uma importante parte de seu repertório formado nos anos 1970 e 1980.

No começo dos anos 1990, André Lima muda-se para São Paulo. Cidade grande. Linha de fuga de tantos pontos do Brasil. Micro-territórios formados por pessoas em deslocamento. Fluida; rápida; híbrida; aglomerada. Seu deslocamento se dá entre essas duas cidades que, de maneiras diferentes, são elogios aos superlativos.

Desses deslocamentos e entrelaçamentos surgem as roupas que cobrem os corpos. O estilista, no seu processo de criação, recolhe esses fragmentos por entre os territórios e suas extensões artificiais, lugares nos quais atualiza suas impressões e os transforma em narrativas vestíveis. Ao longo do seu percurso sensível, o criador observa o mundo e recolhe aquilo que, por algum motivo, interessa-lhe, emociona-o ou causa-lhe estranheza. O ateliê acaba sendo, no caso do André Lima, o lugar onde guarda o acervo particular dessas referências. Ali, estão armazenadas suas caixas que contêm o acervo de roupas compradas em brechós e de suas coleções passadas. Além das inúmeras imagens, que um dia estiveram na frente da sua mesa coladas na parede de espelho, e que neste momento encontram-se guardadas nas suas pastas de referências. São fragmentos não lineares que narram o percurso criativo do estilista como um todo. Nelas prevalecem imagens de moda, um recorte de clássicos do século XX, de editoriais e de roupas de estilistas; são memórias de parte da história da moda reveladas por essa edição do estilista.

A criação em processo do estilista André Lima assume essa configuração de um remanejamento incessante de imagens também na rede virtual. Por ser um criador que compartilha quase que diariamente suas impressões, mesmo que editadas, ao mesmo tempo em que recebe outras tantas, sua escrita de Si funciona entre esses acervos particulares abrigados em seu ateliê e seu arquivo compartilhado de imagens no *Instagram*<sup>1</sup>. Suas criações são um tipo de colagem diagramada desses fragmentos.

Para Foucault (1992) fragmentos, citações, imagens são uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas, não apenas no sentido de trazer novamente a consciência, mas também no sentido de poder utilizá-los e reutilizá-los quando

---

<sup>1</sup> Segundo Manovich (2005), as mídias sociais ocupam-se de objetos e paradigmas culturais capacitados por todas as formas de computação, inclusive as tecnologias de comunicação em rede. O *Instagram* é um tipo de mídia social. É um aplicativo móvel gratuito que permite aos usuários tirar uma foto, aplicar um filtro e depois compartilhá-la em uma variedade de redes sociais, incluindo o próprio *Instagram*. Projetado inicialmente para o uso em dispositivos móveis Apple iOS, que opera em telefones móveis Iphone, posteriormente também foi desenvolvido para os aparelhos com a tecnologia *Android*. A empresa foi criada em 2010, por *Kevin Systrom* e o brasileiro *Mike Krieger*.

necessário. “Tem imagens que voltam depois (...) elas fazem sentido. Elas são a confirmação de um raciocínio, de uma intenção de um desejo, elas são necessárias”. (LIMA, 2012).

Ao pesquisar o processo de criação, a partir dos registros que o criador guarda em seus acervos, particular e compartilhado, movemo-nos entre hibridizações e fluxos de pistas que estão em movimentos constantes e, portanto, exigem do pesquisador outro tipo de mapeamento, que se pauta mais na construção das ideias e seus entrelaçamentos do que apenas nas coleções acabadas.

É importante dizer que não partimos em busca de uma origem, mas de conexões possíveis entre imagens que provoquem aproximações com uma cartografia em processo dos registros guardados e compartilhados do estilista.

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo em que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos. (ROLNIK, 2006, p. 23)

Portanto, o objetivo deste artigo é cartografar os registros contínuos de criação, particulares e compartilhados, do estilista paraense André Lima. O que interessa é entender o percurso, o meio, as construções de Si e em que medida os fragmentos do seu cotidiano particular e compartilhado estão inseridos nas coleções desse criador. As principais referências de pesquisa do estilista são através de imagens. Imagens essas impressas e coladas na parede espelhada na frente de sua mesa; imagens impressas guardadas em inúmeras pastas de referências no seu ateliê; e imagens compartilhadas no *Instagram*.

### **Ilhas em edição**

*As ilhas continentais* são ilhas acidentais, ilhas derivadas: estão separadas de um continente, nasceram de uma desarticulação, de uma erosão, de uma fratura, sobrevivem pela absorção daquilo que as retinha. *As ilhas oceânicas* são ilhas originárias, essenciais: ora são constituídas de corais, apresentando-nos um verdadeiro organismo, ora surgem de erupções submarinas, trazendo ao ar livre um movimento vindo de baixo; algumas emergem lentamente, outras também desaparecem e retornam sem que haja tempo para anexá-las. (DELEUZE, 2005, p. 11)

Assim, começamos nossa edição: articulando ilhas oceânicas que são originais, que emergem e desaparecem; com as ilhas continentais que surgem de desarticulações e nem sempre parecem que deveriam entrar em nossa edição. Porém, como ilha também é aquilo em direção ao que deriva, fomos separando imagens, criando territórios e recriando. Navegar, ora ocupando, ora separando, foi preciso. Nessa cartografia do processo de criação do estilista André Lima, fomos atravessando suas territorialidades temporais, espaciais, assim como seus territórios existenciais através da escrita de Si em busca de entender a multiplicidade desse processo pelo meio.

Deleuze (1988-1989)<sup>2</sup> discute na letra I, em seu abecedário, questões relacionadas a ideia. Para o autor, criar é ter uma ideia, e as ideias são uma obsessão: elas vão e voltam, se afastam, tomam formas diversas. O que acontece é que a ideia não nasce pronta e precisa; é necessário construí-la. Para o filósofo, o criador dá consistência a um conjunto de percepções e sensações que vão além daquele que a sente.

Porque as ideias nos escapam e, principalmente, porque é preciso construí-las, é que o estilista guarda esses fragmentos encontrados. A partir disso, observar e cartografar esse conjunto de percepções e sensações do estilista nos dá pistas para compreender a construção das ideias para André Lima. Nesse jogo de múltiplas entradas, saídas e retornos, podemos perceber relações entre os registros. O ateliê guarda o tempo de uma pesquisa mais direcionada: as imagens impressas nas pastas de referências já estiveram um dia em fluxo pela parede do ateliê e sob o olhar de contemplação do estilista; também é um espaço em que o estilista vai montando e remontando diariamente essa disposição. O *Instagram* guarda marcas do seu cotidiano, nele surgem momentos pessoais nos quais estão registrados momentos com pessoas com quem possui vínculos afetivos; lugares por onde circula ou vestígios do próprio funcionamento da marca em provas de roupas, clientes, desfiles, construções de modelagem. Além das suas referências imagéticas. De uma forma ou de outra, a escrita de Si guarda o percurso criativo e seus “já ditos” como também as marcas pessoais e sua celebração móvel.

---

<sup>2</sup>Na letra I, Deleuze apresenta o seu entendimento sobre o que é ter uma ideia. Realização de Pierre-André Boutang. Entrevista feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989. Tradução e legendas: Raccord. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HxS2e7wpaAA> Acesso em: 01 de abril de 2013..

Nessas observações, percebemos recorrências que naturalmente foram se organizando nas ilhas. Arquitetura. Construção da roupa. Desconstrução. Experimentação. Corpo >>> Roupas. Moda. Estilistas. Brechó. Estampas. Culturas outras >>>> Mulher. Tias, mãe, avó, irmãs, amigas. Travesti. Musas. Cantoras. Música. Novela. Entidades. Santos. Nossa Senhora de Nazaré. Foram algumas das primeiras terras-ilha que se formaram. Estas conexões desterritorializaram-se dezenas de vezes até o exato momento em que escrevemos uma configuração possível para o aqui-agora. Outras ilhas-conexões ainda podem surgir, desaparecer, desterritorializar e reterritorializar em outras tantas. Não tivemos a pretensão de organizar ou estruturar, mas tecer uma rede através de fios condutores de sua prática. Uma rota possível está traçada por essas ilhas que se revelam para a nossa navegação.

### **Ilha 1: Lugar de experimentação**

O indicador dessa cartografia é a relação entre o ateliê e o corpo, ambos espaços de experimentação do estilista André Lima. Esse mapeamento se dá a partir de uma visão do macro para uma visão micro, com imagens que vão do ateliê aos detalhes visto de perto, assim como do corpo e as referências de pormenores da construção da roupa.

Ateliê desocupado. Imagens com sensação de vazio. Muitos registros fotográficos localizam esse lugar de construção da marca. O estilista compartilha partes de seu ateliê, como quem, num andar vertiginoso, fosse capturando partes de um dia-a-dia. Essas imagens parecem pausas desse fazer acelerado que é a moda e que também é a prática em seu lugar de trabalho. Surgem como em um zoom distanciado.

Em seguida, detalhes de objetos do ateliê também são fotografados. A observação através do *Instagram* revela partes de algum lugar, como livros, computador, enfeites de mesa, papéis, que ao adentrarmos fisicamente nesse espaço vamos aos poucos reconhecendo aqueles objetos, que pertencem ao cotidiano deste ateliê. Nessas novas imagens fotografadas de perto, com um zoom de aproximação, a presença do estilista se faz notada por aquela mão que fotografa. Uma conexão entre corpos que revela seu olhar voltado para o próprio espaço arquitetônico.

Em seu ateliê, a coleção ganha vida no fazer diário. Ali as ideias não esperam fazer sentido totalmente para que a construção se inicie. Se o universo de referências de pesquisa é não linear, sampleado, simultâneo, a construção no corpo ganha proporções e exercícios calculados. O corpo é o suporte, e a roupa só tem sentido se fizer com que

esse corpo fique belo. Tecidos e equipe vão modelando as curvas do corpo feminino, para descobrir os melhores caminhos para acomodar os recortes, volumes e as formas.

Esses caminhos são suas construções e desconstruções nessa espacialidade ateliê e corpo. O estilista André Lima exercita através do corpo vestido novas proporções, volumes, formas, estampas, drapeados, dobraduras, prensados. A partir dele o estilista experimenta uma prática que produz formas arquitetônicas e geométricas que se aliam às forças que vêm da natureza. São desconstruções de roupas e modas complementadas por uma colorimetria de estampas, situando-se entre o construído e o fluido. Estes conjuntos de ações constituem as vizinhanças que habitam esse lugar ao pedir passagem para o seu corpo.

## **Ilha 2: Um só desejo não basta**

Nesta cartografia, tomamos como indicador a simultaneidade entre tempos e espaços. Ele vai sampleando, recortando pedaços e montando novos arranjos. Uma lógica de pensamento muito comum para uma pessoa que vem de Belém, cidade em que o tecnobrega<sup>3</sup> circula nas rádios, nos postes pelo comércio, pelas aparelhagens, pelas ruas. Esse ritmo é híbrido e fortemente marcado pela contemporaneidade e pelas tecnologias de ponta. O tecnobrega sampleia trechos de músicas numa batida ritmada, forte, exagerada, dançante e eletrônica.

Seu acervo é composto de um mix de extremos, entre clássicos da moda e a exuberância étnica de culturas pelo mundo. Seu recorte se dá pela observação de algum detalhe que chama sua atenção, que pode ser uma atitude da modelo, uma construção da roupa, um tipo de acabamento, um conjunto de cores interessante. Esses detalhes são também continuamente registrados. Fragmentos do seu olhar como criador.

Os deslocamentos virtuais da contemporaneidade permitem que possamos atravessar territórios sem ao menos pisar em terras estrangeiras. André Lima vai ocupando esses territórios étnicos simultaneamente. Um só lugar não basta. O estilista entende de recombinações porque é fruto de deslocamentos entre cidades superlativas e misturadas. Portanto, outras culturas estão constantemente dialogando com a sua brasilidade. As mais recorrentes são as referências das culturas japonesa, indígena,

---

<sup>3</sup> O tecnobrega é um gênero musical paraense que sampleia o tradicional gênero musical brega com batidas eletrônicas. Este estilo se desenvolveu independente das grandes gravadoras, pois articula estratégias de produção e circulação pautadas na reprodução acessível dos produtos gerados por essa indústria.

africana, indiana, londrina, cigana, chinesa, dentre outras, de lugares por onde viaja física e virtualmente

Simultâneo também é o tempo. Para André Lima, o importante é misturá-lo. Não é simplesmente um deslocamento temporal de volta para o passado. É um 2013 que pode ser 2013-1980, já que os tempos também são híbridos e trazem referências do passado. Ser contemporâneo é entender o presente, olhar para o futuro a partir do já dito no passado. Os clássicos do século XX compõem o seu recorte de pesquisa, principalmente os anos 1970 e 1980, nos quais grande parte de seu repertório visual foi formado. Nos anos 1970, consideramos que o que mais admira é a liberdade das formas, o uso das estampas psicodélicas, a fluidez dos tecidos, o Tropicalismo, a valorização do nacional. Já nos anos 1980, admira a atitude vinda do Rock, o glamour do Glam Rock e *David Bowie* e a misturas de gêneros. Assim, André Lima reabilita esses fragmentos do passado e traduz em novas estéticas.

### **Ilha 3: Uma palavra sentimento**

Assim a mãe de André Lima escreve atrás de uma fotografia que enviou ao filho, para que toda vez que ele quiser ter referência é para ele olhar para a foto e sentir o poder da natureza, mas a fotografia retrata uma imagem dela em sua casa. Portanto, o poder do sentimento vem também da natureza exuberante da Amazônia, mas principalmente das relações de afeto que na sua cidade natal se constituem. Assim, os indicadores dessa ilha são o vínculo afetivo e a percepção do feminino. Entre desejos de elegância misturados com um pouco de loucura, no sentido de liberdade de expressão e ousadia, André Lima vai constituindo suas personagens, ora da vida real, ora da ficção.

Algumas mulheres que marcaram a vida de André Lima têm essa força de personagem, de uma espécie de musa, alguém capaz de motivar o seu processo criativo. Ao escutar Gal Tropical, achou a cantora solar. Passou, então a recortar e colecionar fotografias em um álbum que criou sobre a cantora. Costurou, vestiu, maquiou as amigas e ainda desenhou para a transformista paraense Marleni Dietrich.

Dentre todas essas mulheres vividas, Maria Bethânia foi quem transitou por sua vida de uma maneira mais densa. Sua relação mística com as coisas, com a natureza, o aspecto meio selvagem, fortaleceu uma relação afetiva do estilista com a cantora. É interessante notar que além dessas significativas personagens já mencionadas, outras como os seres encantados femininos também vão dando corpo as imagens do estilista.

Misticismo. Sereias, iemanjá, índias podem revelar sua relação com as águas e a natureza. Fortes referências visuais de Belém emergem, afinal trata-se de uma cidade fortemente ligada ao sincretismo religioso que conjuga muitas vezes, em um mesmo espaço a Nossa Senhora de Nazaré, festejos para iemanjá e pajelanças com ervas<sup>4</sup> que curam os males do corpo e da alma. A força reside entre a elegância e o imaginário encantado da natureza.

Com nome de mulher, o estilista batiza alguns de seus vestidos, é como se aqueles objetos vazios ganhassem um corpo e virassem personagens também. Na verdade, a própria construção da roupa permite que esta ganhe volumes que carregam a aparência de um corpo presente, um vestido personagem de uma narrativa de alguém que vai desejar tal vestido. Além da trama constituída por diversas personalidades que podem dar corpo aos vestidos personagens, no *Instagram* do estilista, podemos perceber sua relação com a Tv e os papéis vividos na ficção por atrizes de novelas, de cinema ou por heroínas de desenhos animados.

Ademais o próprio campo de moda compõe o universo de suas referências. André Lima aprendeu a fazer moda fazendo. Desde muito cedo, sua curiosidade aguçada e as revistas de moda o levaram para os mundos de grandes estilistas que formaram seu repertório visual. O que eles têm em comum? Eles são ícones de elegância, ousadia e feminilidade do século XX. Alguns deles: *Yves Saint Laurent, Vivienne Westwood, Balmain, Pierre Cardin, Paco Rabane, Giorgio Armani, Thierry Mugler, Gianfranco Ferre, Ungaro, Issey Miyake, Alexander Mcqueen*. Todos esses estilistas fazem parte do seu vocabulário.

Corpo de mulher. Sedução. André Lima busca seduzir as mulheres que veste. É como se ele pensasse, com sua cabeça de homem, o que é bonito em uma mulher e conseguisse juntar com o que a mulher deseja, e assim propor como ela deve se mostrar. Uma conversa entre um homem e mulheres.

### **Navegando para um destino possível**

No processo de criação do estilista André Lima a construção do seu pensamento no ato de criar parte de um percurso visual pautado pela edição afetiva. O que importa para o criador é que essa edição não busca uma linearidade, mas sim a simultaneidade

---

<sup>4</sup> As ervaíras da feira do Ver-o-peso produzem banhos, sabonetes, perfumes dentre outros itens a partir da mistura de ervas Amazônicas. Em Belém, os banhos de ervas são tradição da cidade.

da existência de vários desses fragmentos, que através do seu olhar de editor-criador se desdobram em roupas criadas por ele.

Assim, o estilista articula suas impressões, seus registros e seus pensamentos em coleções que traduzem uma sofisticação delirante pautada na harmonização do excesso de informações, formas, texturas e cores que resultam em uma estética própria.

André Lima é um estilista que transita por territórios sampleados, dramáticos, místicos, selvagens, sofisticados, femininos e às vezes andrógenos, mas quase sempre delirantes sem pudores em misturar tudo isso, e criar coleções, que podem se contrapor à máxima minimalista em que *o menos é mais* para apresentar-se com segurança em um território que assume o axioma *o mais é mais*. O estilista sabe que seu trabalho tem a força da natureza, dos santos, das entidades e traz uma força maior proveniente do universo feminino, com o qual conviveu desde a infância, gerando as construções vestíveis que, com perfeito acabamento, cobrem o corpo deixando antever as formas, o fluxo estético entre aquele que cria e aquela (e) que veste.

### **Referências bibliográficas**

DELEUZE, Gilles. Parte I, Abecedário Deleuze. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HxS2e7wpaAA>. Acesso em 16 de set. de 2012

\_\_\_\_\_. **A ilha deserta e outros textos (1953-1974)**. Org. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora Iluminuras, 2005

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp.129-160

LIMA, André. **Entrevista concedida para esta pesquisa**. São Paulo: 23 e 24 de julho, 2012.

MANOVICH, Lev. **Novas mídias como tecnologia e idéia: dez definições**. In: O chip e o calendoscópio: reflexões sobre as mídias sociais./ Lucia Leão, organizadora. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.